

AMADORES

ILÊ SARTUZI

CURADORIA THAMYRES VM

PINACOTECA BENEDICTO CALIXTO

Amadores é a primeira exposição de Ilê Sartuzi (Santos, 1995) em sua cidade natal. Transitando livremente por diversas técnicas e suportes, o artista observa como sistemas institucionais e artísticos se organizam e operam. Sua pesquisa encontra forma em movimentos sutis, pequenos desvios capazes de tornar legível o que se dissolve no curso das coisas. É nesse fluxo constante que suas ações orquestradas abrem fissuras, orientando o olhar para o que permanece fora de cena – os protocolos, acordos, (e ficções) que moldam nossa percepção da realidade.

Em **Amadores**, Sartuzi toma como ponto de partida um desejo compartilhado entre gerações: realizar o antigo sonho do avô de possuir uma pintura de Benedicto Calixto. Convencido do potencial que um gesto oferece para articular ideias complexas, elabora um acordo tríptico, estruturado em duas trocas sucessivas. Na primeira, o artista permuta uma pintura de sua autoria por uma obra de Benedicto Calixto pertencente a uma colecionadora. Na segunda, oferece essa pintura ao avô em troca de uma paisagem que ele pintou ainda jovem, quase oitenta anos antes. Embora simples em sua formulação, o escambo produz um rearranjo significativo. Cada participante obtém aquilo que deseja, enquanto as três pinturas passam a existir não apenas como obras autônomas, mas como parte de uma mesma proposição artística. Retratando paisagens e tempos distintos, elas são convidadas a habitar um mesmo espaço, onde temporalidades, geografias e histórias se aproximam, assim como seus contrastes.

À primeira vista, o trabalho pode ser interpretado como um gesto íntimo. Um olhar mais atento, contudo, revela uma trama multifacetada, na qual a negociação deixa de ser um feito velado para ocupar um lugar central. Quando Sartuzi rompe com a opacidade que frequentemente envolve essas transações e as incorpora ao espaço expositivo, o eixo se recalibra e algo da engenharia que sustenta o sistema da arte vem à superfície. É no delicado equilíbrio entre mostrar e ocultar que essa provocação se inscreve. Preservando o mistério enquanto o manipula, o artista desvenda o suficiente para delinear o contorno de seus mecanismos, mas resguarda a opacidade necessária à sua operação.

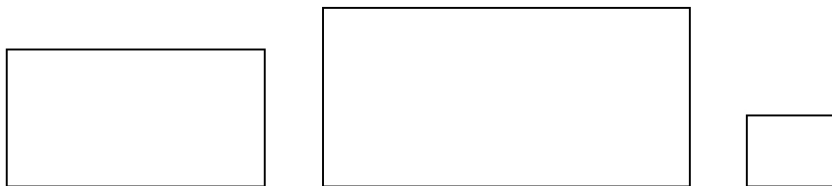
Essa dimensão ganha ainda maior nitidez através dos contratos de permuta que formalizam as trocas. Entre seus termos, fica estabelecido que não haveria qualquer compensação monetária, colocando as pinturas em posição de igualdade. A equiparação por sua vez se dá pelo acordo, sem depender de uma correspondência objetiva entre as obras ou qualidade intrínseca que a justifique. Reforçando assim, a ideia de valor como uma construção contínua que, como todo truque, depende menos de uma determinação absoluta do que da crença comum em seu funcionamento.

Por fim, **Amadores** também fala sobre amor. O título reúne diferentes camadas de sentido que atravessam a obra. Em sua acepção mais imediata, remete ao afeto que lhe dá origem. Ao mesmo tempo, recupera o sentido etimológico do amador como aquele que faz algo por amor, sem que essa atividade esteja necessariamente subordinada a uma finalidade econômica. Mas há ainda uma leitura que vincula os três participantes da troca, a de que são mobilizados, cada um à sua maneira, pelo que convencionamos chamar de amor à arte. A obra produz, então, um último deslocamento ao interrogar o papel que esse discurso desempenha na própria economia que parece recusar, situando o amor à arte entre os dispositivos pelos quais o sistema fabrica sua excepcionalidade e, com ela, seu valor.

Por entre fissuras, tornam-se perceptíveis os arranjos, artifícios e interesses que condicionam a produção e a circulação da arte. E em meio a tudo isso, permanece o desejo de um neto de oferecer um presente ao avô. Talvez seja nesse retorno que a obra revele uma de suas forças, ao permitir que, junto de tantos entrelaçamentos, o afeto ainda encontre lugar. Não como algo que escapa às trocas, mas como o que lhes dá sentido.

Thamyres VM





Benedicto Calixto (Itanhaém, 1853 – São Paulo, 1927) foi um dos principais pintores brasileiros da passagem do século XIX para o XX, destacando-se sobretudo nos gêneros da pintura histórica e da paisagem. De formação inicialmente autodidata, estudou em Paris na Académie Julian, onde teve contato com a tradição acadêmica francesa. Sua produção posterior combinou pintura, fotografia e pesquisa histórica, contribuindo para a construção de um imaginário visual sobre a formação do território e da história de São Paulo. “Santos”, de 1894, é uma pintura de formato panorâmico que registra uma paisagem costeira da Baixada Santista. Realizada no ano em que Calixto retornou ao litoral e se estabeleceu em São Vicente, a obra pertence a um período em que o artista voltou seu olhar para as paisagens da região, combinando observação, registro fotográfico e reconstrução pictórica.

Ilê Sartuzi (Santos, 1995) é artista e vive e trabalha entre diferentes contextos, desenvolvendo uma prática ampla dentro da arte contemporânea. A pintura produzida para essa exposição foi feita a partir de uma fotografia publicada no jornal “A Tribuna” em 17 de setembro de 1995, data de nascimento do artista. A imagem, realizada no início do século XX, registra a paisagem da Ilha Porchat vista da Praia do Itararé, em São Vicente, com a Ponta do Itaipu ao fundo.

João Alves Franco (São Vicente, 1937) interessou-se por pintura ainda na adolescência, desenvolvendo uma prática autodidata paralelamente ao trabalho informal e às circunstâncias difíceis de sua juventude. Admirador da obra de Benedicto Calixto, realizou pequenas pinturas de paisagem e arranjos florais. Esta pintura, realizada por volta de 1950, foi feita a partir de um cartão postal de Florianópolis que João guardava em sua casa, em São Vicente. Décadas mais tarde, a pintura foi emprestada e passou a integrar temporariamente a casa onde Ilê Sartuzi cresceu, em Florianópolis. À esquerda, lê-se “Praia de Florianópolis / Sta Catarina”; à direita, a assinatura “J Franco”.

Ilê Sartuzi (1995, vive e trabalha entre Londres e São Paulo) é artista formado pela Universidade de São Paulo (USP) e com mestrado pela Goldsmiths, University of London. Recebeu o Prêmio PIPA (2021) e atualmente está desenvolvendo sua pesquisa em uma residência no Centro Pecci, na Itália. Sartuzi também co-criou e dirigiu o espaço independente *arte_passagem*.

Suas exposições e projetos individuais recentes incluem "to vanish", Pedro Cera (Madrid, 2026); "Contrato", Luisa Strina (São Paulo, 2025); "A CRIME, A CONFESSION AND A TRADE", NICOLETTI (Londres, 2025); "Truque", Museu de Arte Contemporânea (São Paulo, 2025); "Vaudeville", Pedro Cera (Lisboa, 2023); "cabeça oca espuma de boneca", SESC Pompéia (São Paulo, 2022); e "A. E A de novo.", auroras (São Paulo, 2021).

Participou de exposições em instituições como Pinacoteca do Estado de São Paulo (2021); Videobrasil (2021); Museu Oscar Niemeyer (2022); Bienal SUR (2021); Instituto Moreira Salles (2020); SESC (Pompéia, 2022; Pinheiros, 2022; Ribeirão Preto, 2019; Distrito Federal, 2018); CCSP – Centro Cultural São Paulo (2018); Museu de Arte de Ribeirão Preto (2020; 2017; 2015). Seu trabalho esteve em destaque em alguns dos principais jornais e publicações de arte como o The New York Times, The Guardian, Frieze, The Art Newspaper, ArtReview, Artforum, Folha de São Paulo, o Globo (entre outros) e está presente em coleções públicas e privadas como as da Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP), a coleção Moraes-Barbosa, o Instituto PIPA, Videobrasil e do British Museum.

Thamyres VM (Brasil, 1987) é curadora e gestora cultural e vive em Berlim. Com formação em arte, cinema e estudos culturais, sua prática é orientada por um olhar crítico sobre a cultura contemporânea. Interessa-se por metodologias curatoriais e institucionais, investigando como estratégias site-responsive podem contribuir para aproximar as organizações dos contextos em que atuam. Transitando por diferentes formatos, desenvolve projetos que estimulam reflexão, troca e engajamento crítico.

É formada em Cinema pela FAAP (São Paulo), possui um CAS em Curadoria pela ZHdK (Zurique) e é mestre em Indústria Cultural pela Goldsmiths (Londres) e em Práticas Artísticas pelo Dutch Art Institute (Amsterdã). É fundadora e foi diretora artística do VALONGO Festival Internacional da Imagem, realizado em Santos entre 2016 e 2020. Entre seus projetos recentes estão a cycle is a cycle, projeto de edição e curadoria para a bienal foodculture days (Vevey, 2022–24); a atuação como curadora assistente da Manifesta 15 e a co-curadoria de Memoria del Humo, projeto especial desenvolvido para a bienal (Barcelona, 2024); e a curadoria da exposição Speculative Reflexive, na NARS Foundation (Nova York, 2025).

agradecimentos:

especiais para: Gisela Sartori Franco, João Alves Franco e Ana Paula Moreno; além de Aries Vicentina, Cristina Guedes, Gabriela Tessitore, Galeria Luisa Strina, Kinkaleri - Spazio K, Leonardo Nones, Luiz Danielian, Marco Mazzoni, Natali Vancini, Pollyana Quintella, Renata Viegas, Roberto Santini, Tadeu Giglio, Viviane Letayf.

Ilê Sartuzi

Amadores, 2026

relações estabelecidas a partir de duas
trocas de três pinturas, dois contratos
dimensões variáveis

Parte 01

Benedicto Calixto

Santos, 1894

óleo sobre tela

34 x 64 cm

Parte 02

Ilê Sartuzi

17091995, 2026

óleo sobre linho,

39.2 x 82 cm

Parte 03

João Alves Franco

Praia de Florianópolis, c. 1950

óleo sobre tela

14 x 19 cm

FUNDAÇÃO



PINACOTECA

22.08
13.09